O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

I.º ANNO

15 de Setembro de 1862.

I.

SUMMARIO.

O SENHOR D. PEDRO II, por J.P. de C p. 1	
O MAIOR AMIGO DE LUIZ DE CAMÕES,	
por Camillo Castello Branco p.1.	3
AO PUBLICO BRASILEIRO E PORTUGUEZ,	
por Reinaldo Carlos Montoro p.2	5
O FUTURO, por F.X. de Novaes p.2	8
CHRONICA nor Machado de Assis	36

RIO DE JANEIRO

TYP. DE BRITO & BRAGA, TRAVESSA DO OUVIDOR N.17



Lewro is

O SENHOR D. PEDRO II.

IMPERADOR DO BRASIL



APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS. (*)

OMPREHENDI o arduo da tarefa que me impuz, e acceitei-a.

Era mister valor; pois não era?

Todas as especies de grandeza, mas acima de todas essa que domina sobre a cupula do edificio social, a realeza, pagam com muitos descontos o grande peccado da elevação. Uma lei de optica das turbas diminue, attenúa, aniquilla a natural dimensão do vulto, que avistam em alturas inaccessiveis. Vingam-se do sol que as illumina, contendo-lhe, exaggerando-lhe as maculas.

Certo é que em taes posições, quando a mão que se avaha, abre e fecha coira de graças, ha sempre quem attribua a ruins

⁽⁾ Com quanto uma das mais aparadas pennas do imperio collija, desde large tempo, os materiaes para enriquecer-nos com uma Biographia do ambor D. Pedro Segundo, obra a que a especial posição do escriptor dará todos os foros de authenticidade, é sossa mente elevarmos no futuro estes insignificantes. Apontomentos à altura de sobjeto biographico.

Et também este, desde já, o lugar de declarar que á extrema benevolencia de varios cavalheiros devemos alguns subsidios dos mais importantes, que nesta Memorio servirão de escudo ás deficiencias de quanto cuanou de nos mesmo; dahi masultará alguna tora nos supponham competencias, que nos fallecem. Receando ferir modestias, supprimimos nomes, que nos são caros, e a quem tributamos cordones agradecimentos.

impulsos as singelas palavras de equidade. O animo prevenido é incapaz de julgar.

E como, não raro, bajulação torpe tem prejudicado os grandes, ha quem qualifique — toda a verdade de lisônja — todo o louvor de adulação — todo o rigor historico de calculo — toda a justiça de incenso.

Triste disposição de espirito, em todos os tempos e logares, arrasta o homem insensivelmente para a maledicencia, com que sonhamos elevar-nos, antes que para os incomios, que repellimos como se elles nos fossem hostis. Por via de regra, toleram-se, applaudem-se as paginas de satyra; recusam-se, despresam-se as linhas de biographia.

Está assentado como incontroverso, no tribunal da incontinencia politica, que todo o louvor a mortos denuncia inveja, todo o gabo a vivos lisonja.

E ha-de a mente covarde transigir com a tyrannia de opinião irracional? Ha-de a virtude, porque se assenta no solio, perder os fóros, que na choupana lhe assistiriam? Ha-de o direito mudar de natureza, não segundo as suas leis eternas, mas por odio a elevação? Ha-de a verdade, envergonhada, e foragida, deixar o campo á calumnia triumphante? Por tal modo terá já oscillado o pendulo, que daquelle extremo que collocava os reis superiores a toda a justiça humana, os tenhamos transportado hoje ao outro extremo, em que nem para elles já haja essa humana justiça, a vulgar, a universal?

Oh não! No dia em que tanto alardeamos as conquistas da dignidade de nossa especie, em que estabelecemos essa dignidade, e egualdade do homem, como deposito sagrado, como dogma social, respeitemol-a, — não como egoismo, mas como principio, — não só em nós mesmos, como nos outros.

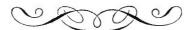
Fôra perigoso pensamento o da perpetua negação do merito, quando elle existe em altas regiões; nem para os actos nobres haveria recompensa, nem para os successores estimulo de imitação. Política barbara, ingrata, rachytica, descivilisadora!

Se é pois util dizer a verdade, que importa como a receberão? A penna obscura, que estas linhas vai por aqui traçando; tem coragem bastante para supportar aleives; contenta-se com a approvação dos sensatos. Move essa penna mão, que nunca se estendeu para sollicitar uma graça, e espera assim mirrar-se debaixo da campa. Esta voz, costumada a não modular-se por considerações hyerarchicas, exprimirá francamente os seus pensamentos, e forma tão elevado conceito do animo que vai estudar, que julga ser mais bemvinda na plena liberdade de expressão, do que o seria com cautelosos arteficios da palavra.

A alguem que projectava tentar um esboço biographico do senhor D. Pedro segundo, respondia nobremente o monarcha: — « Não desconheço as condições passivas em que, como homem publico, a sorte me collocou; não me pertenço. V. sabe quaes as minhas idéas sobre as franquezas da imprensa; nem posso opporme, nem o desejo; mas se realisar o seu projecto, só lhe rogo que menos consulte o seu coração, do que a sua cabeça. »

Esta phrase é caracteristica, e basta, por si só, para avaliar de que modo seria acolhida a lisonja, se labios como estes fossem capazes de a proferir.

Não mais! Para os imparciaes, será já demaziado. Para os maldispostos, nada seria sufficiente.



O SENHOR D. PEDRO SEGUNDO.

Nusquam ut deo, nusquam ut nomini blandiamor; non enim de tyranno, sed de cive; non de domino sed de parente loquimor. Unum imperator se ex nobis, et hoc magis excellit atque eminet, quod unum ex nobis putat; nec minus hominem se, quam hominibos præesse meminit.

PLINIO - Paneg. de Trajano.

Não lhe elevemos altares, como se faz a um deos, ou a um tyranno: fallemos delle, como de quem é, não de um senhor, mas de um cidadão, de um pai. Trata-nos o Imperador como seus iguaes; e quanto mais a nós se pretende equiparar, tanto mais excellente, tanto mais emmente se nos antolha. Um só momento se não destembra de que é homem, e de que é a homens que elle governa. »

I.

Pesada è a carga de um nome excelso.

Basta nascer em regio berço para ser condemnado á immortalidade. Não depende de facto proprio o ser inscripto nos annaes da humanidade, mas depende, e muito, a côr dourada ou negra de similhante inscripção. Duas estradas amplipatentes se abrem ante esses nomes estrepitosos: uma a do crime, outra a da virtude; aquella a da maldicção, esta a das bençãos. Ao principe é deixada a escolha.

Mas se já parecem tormentosos pelo cargo os recifes desses mares, duplamente o são, quando o fulgor de serie immensa de antepassados reflecte sobre o principe, que tem por dever honrar as cinzas de seus preclaros avós; é o mais fidalgo morgado, que importa ir transmittindo sempre brilhante e engrandecido ás mais remotas gerações.

Tal a situação radiante, mas escabrosa, em que o Senhor D. Pedro veio ao mundo. Sobre o thalamo de seus augustos pais explendiam as primeiras corôas do universo, conservadas de seculo em seculo

O TUTURO.

.,

por todos os tempos historicos, e esse sangue lhe impunha obrigações (*).

A's exigencias de seu particular destino accresciam as do futuro

(') Não se senta, em throno algum do mundo, soberano mais illustre por continua linhagem de testas coroadas. Não ha uma só casa reinante da Europa com quem esta se não intronque. Entre os ascendentes, e parentes mui proximos da linha recta, não só se contam soberanos de Inglaterra, França, Aragão, Castella, Hespanha, Saboia, Austria, Prussia, Russia, etc., mas altas personagens historicas, descobridores, conquistadores, papas, sautos.

Cumpre, porém, apontar aqui a nobre ascendencia de pais e avós, por ambas as linhas. E' o Senhor D. Pedro II, primogenito varão das primeiras nupcias do Snr. D. Pedro I. como imperador do Brazil, e IV, como rei de Portugal, com a Senhora D. Maria 1.00poldina Josefa Carolina, archiduqueza d'Austria, e irmã da imperatriz de França, segunda inulher de Napoleão I.

AVÓS PATERNOS.

Snr. D. Pedro I, primogenito sobrevivente do Snr. D. João VI, Imperador e Rei.

Snr. D. João VI, primogenito sobrevivente da Sra. Rainha D. Maria I. Sra. D. Maria I, primogenita das quatro filhas do Snr. Rei D. José!.

Snr. D. José, primogenito sobrevivente do Snr. Rei D. João V.
Snr. D. João V; dito dito dito do Snr. Rei D. Pedro H.
Snr. D. Pedro II, irmão do Snr. Rei D. Affonso VI e tilho do Snr. Rei D. João IV.

Snr. D. João IV, oitavo duque de Bragança, neto da Snra. D. Cathariua, filha do Snr. D. Duarte, filho do Snr. Rei D. Manoel e sobrinha do Snr. Cardeal-rei D. Henrique, filho do mesmo Snr. Rei D. Manoel.

Snr. D. Manoel, filho do Snr. Infante D. Fernando, neto do Sur. Rei D. Duarte e primo dos Snrs. Reis D. Affonso IV e D. João II.

Snr. D. Duarte, filho primogenito do Snr. Rei D. João I.

Sur. D. João I, filho do Snr. Rei D. Pedro I e irmão do Snr. Rei D. Fernando.

Snr. D. Pedro I, primogenito varão sobrevivente do Snr. D. Affonso IV.

Sur. D. Affonso IV, primogenito do Snr. Rei D. Diniz.

Snr. D. Diniz, primogenito sobrevivente do Snr. Rei D. Aflonso III.

Snr. D. Affonso III, irmão do Snr. Rei D. Sancho II e filho do Snr. Rei D. Affonso II.

Snr. D. Affonso II, primogenito do Snr. Rei D. Sancho I.
Snr. D. Sancho I, primogenito do Snr. Rei D. Affonso Henriques.
Snr. D. Affonso Henriques, filho unico do Snr. Conde de Portugal D. Henrique, neto materno do Snr. D. Affonso VI, rei de Galliza, Castella e Leão.

Snr. D. Henrique, neto de Roberto, duque reinante de Borgonha. Roberto, filho de Roberto, rei de França.

Roberto, filho de Hugo Capeto, rei de França, e fundador da sua terceira raça, no anno 987.

Hugo Capeto, filho de Hugo o Grande, duque reinante de Borgonha e filho de Roberto, rei de França.

Roberto, irmão de el-Rei Eudes e filho do conde de Paris, Roberto o Forte, o exaltado ao throno em 888, etc., etc.

AVOS MATERNOS.

Snra. D. Maria Leopoldina, filha do Imperador Francisco II de Allemanha e I de

Austria, rei da Hungria e Bohemia, irmão do Grão-Duque de Toscana.

Francisco II, filho de Leopoldo II, rei da Hungria e Bohemia, irmão do imperador e rei José II, e das rainhas de Napoles, Hespanha e França.

Leopoldo II, filho da Imperatriz Maria Thereza, mulher do imperador Francisco I.

Maria Thereza, filha do Imperador Carlos VI.

Carlos VI. Elha da Imperador I carada II.

Carlos VI, filho do Imperador Leopoldo I

Leopoldo I, filho do Imperador Fernando III.

E assim se vai de sceptro em sceptro subindo até Santo Estevão, o Duque, o Apostolo, o Santo, o Rei da Hungria em 997.

Não comporta a indole deste escripto mais amplo desenvolvimento, nem as evidencias precisão demonstrações.

do paiz que tinha, quasi desde a infancia. de governar. Se houvera nascido alguns annos antes, e sem que os graves successos do fraccionamento da immensa monarchia se tivessem verificado, essa real cabeça supportaria uma corôa que abrangeria as mais formosas regiões das cinco partes do mundo. Ainda assim, a sorte lhe destinou este Eden, que se denomina America, e nella a primeira nação; este Brasil, tão heroico pelo valor, tão leal pelo caracter, tão emprehendedor pelo genio de seus naturaes; este Brasil, tão va sto pela extensão, tão fecundo pela uberdade, tão rico pela variedade do seu solo; este Brazil tão banhado de oceano, tão pautado de rios, tão frondoso de bosques, tão magestoso de catadupas, tão opulento de minas, tão povoado de animaes, tão matizado de flores, tão namorado do sol!

O Brasil que, durante treze annos, tivera em seu seio a côrte portugueza, entendia que já estava maduro para uma vida de independencia; e á alta intelligencia, inexcedivel dedicação e posição prestigiosa do Snr. D. Pedro I, de accordo com a disposição dos animos, foi devida a obra da nossa elevação á cathegoria de nação independente e soberana.

Haviam cahido em pedaços todas as possessões americanas da grande nação hespanhola; cada zona, cada palmo desse territorio se foi progressivamente destacando, como corpo moribundo, invadido pela gangrena, e que vai successivamente pagando o seu tributo á dissolução e à morte. Todos esses destroços da nobre Hespanha se foram atenuando e nullificando; a fórma republicana implantou nelles o germen da anarchia; e a caudilhagem, e a desordem e o retrocesso campearam impunes nas plagas outr'ora regidas pelo leão da Iberia.

Por um contraste explendido, o Brasil estabelecendo um cordão sanitario, unico da America, contra as idéas e instituições demagogicas, lançou á terra, desde o dia da sua separação, a semente desta grandeza e prosperidade, que tornará nossos vindouros felizes e poderosos.

Tal resultado se deveu a varias causas, entre as quaes dominavam: — a indole suave, amiga e monarchica dos nossos conterraneos — a antiga brandura de nossos habitos — o instincto civilisador do nosso povo — o termos sido capitaneados pelo Snr. D. Pedro I nos dias criticos — o ter-nos este liberalisado o pacto fundamental mais formoso, mais digno, mais sabio de quantos ha sobre a terra.

Eis-ahi porque se observa um phenomeno, para nós consolador: ambas as Americas se tém constantemente visto a braços com ambi-

ções infrenes, aspirações desorganisadoras, revoltas ensanguentadas; o Brasil, á sombra de sua constituição, vive, floresce e prospéra, e quasi não ha uma voz em todo o Imperio que a não tome por arca santa, em que por tacito consenso ninguem ousa pôr mão sacrilega. Mas, que dizemos! a America? Melhor diriamos, a redondeza. Não ha uma nação no orbe inteiro, cuja constituição vigente seja tão antiga como a que rege o Brasil. Houve hontem os Estados-Unidos, mas a sua constituição rasgou-a o rostro do Merrimac. Ha tambem, nas imaginações, um phantasma, denominado carta ingleza, que seria mais velho senão fosse phantasma, lenda, mytho. Constituição real e verdadeira, é do Brasil a mais antiga.

Dessa constituição salvadora é o Snr. D. Pedro II irmão gemeo. Ambos nascêram no mesmo anno (*), e os dous irmãos vivem um com o outro, um pelo outro, um para o outro. Tres annos apenas antes (**) haviamos proclamado a nossa nacionalidade; de modo que bem póde dizer-se que no mesmo instante fulguraram os quatro grandes signos do zodiaco Brazileiro: — D. Pedro I — Independencia — Constituição — D. Pedro II!!

II.

E o Sr. D. Pedro estava envolto ainda nas fachas infantis, quando novos successos estrondosos vinham influir radicalmente na sua sorte, creando-lhe inesperados destinos. Acabava o real menino de completar um lustro apenas, quando prematuramente lhe pousaram corôa de ferro sobre cabeça de infante.

Algumas palavras ácerca desse periodo de tão vasta influição.

Hoje, que mais de trinta annos nos separam de tão agitados dias, — hoje, que um longo tirocinio de autonomia e liberdade fez calar nos animos a convicção dos limites, e da extensão dos direitos, deveres e conveniencias; — hoje, que o wagon do Estado gyra em seus carris, sem choques, nem abalos; — hoje, finalmente, que já o poder tem prestigio, as ambições cravaram seus marcos muito para aquem daquelle tempo, os interesses tendem a fundir-se n'um e unico, as aspirações de boa ou má fé encaneceram ou se transformaram: — hoje é licito dizer a verdade, sem excitar celeuma de odios.

^(*) Foi jurada a Constituição a 25 de Março de 1825; nasceu o Senhor D. Pedro II a 2 de Dezembro do mesmo anno.

^{. (**)} O grito da Independencia foi em 7 de Setembro de 1822; o reconhecimento de Portugal aos 29 de Agosto, sempre daquelle anno de 1825.

E por que não concederemos também ao verdor juvenil de uma sociedade o que desculpamos ao verdor juvenil do individuo? Aos vinte annos, quasi todo o homem é ultra-liberal: as palavras abstractas liberdade, dignidade, igualdade são tão suaves a todo o coração generoso! Só mais tarde vem a experiencia demonstrar a temperança que na pratica social taes vocabulos demandam.

Demos que no Brasil de 1831, muitos agitadores (ponhamos todos) eram embalados por estremes impulsos de amor da patria, embora desvairado. Assás largo quintião ahi fica para santificação de intenções; baixemos aos successos.

Com os acontecimentos, então recentes, duas ordens de questões surgiram: — fundação de uma nacionalidade — sua constituição organica. Que nem sempre estes dous problemas são isochronos, o está hoje presenciando o mundo, em guerras de gigantes. Na America Septentrional é o brado: Viva a liberdade, com a separação dos outr'ora unidos. Na Italia é o brado: Viva a liberdade, com a união dos outr'ora separados. Póde pois haver em uma de taes questões, um terreno neutro para todas as opiniões, e summa divergencia na outra.

Isto succedeu no Brasil.

Tres alvitres acharam maior ou menor numero de partidarios: o absolutismo — a monarchia representativa — a republica. Do primeiro e ultimo eram raros os adeptos. Da segunda bandeira era alferes o grande homem a quem devemos imperecedouros serviços; essa a cohorte em torno da qual se foi arregimentando, unida e compacta e unanime, a sociedade brasileira. Tal era no dia da justiça a popularidade e gratidão dos povos, que essa divida (hoje finalmente paga) quizeram satisfazê-la com uma apotheose em vida, com a erecção de uma estatua de bronze, que ao principe, assim exaltado, fosse dado contemplar com seus olhos. (*)

^(*) E que foi feito desse nobre pensamento? Seja licito rememorar acto, que quaesquer commentarios attenuariam. Eis-ahi um papel, tão pouco conhecido, quão muito o merece ser:

[«] Manda a Regencia Provisoria, em Nome do Imperador (Em Nome do Imperador !!) que a commissão liquidadora do Bauco entregue ao Fiel do Conselheiro Thesoureiro Mor, que com esta se apresentar, a quantia de vinte e seis contos oitocentos naventa e sete mil e noventa e tres reis, que alti se depositou por effeito de requisição da Camara Municipal desta Corte com o destino de ser empregada na inauguração de uma estatua em honra do ex-imperador, e assim mais a quantia de cem mil reis, que tambem ahi se depositara de ordem da Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, para serem applicadas em beneficio da Instrucção Publica, cujas quantias ficarão em deposito neste thesouro, até que os offerentes lhes assignem, quanto á primeira um outro destino (!); e quanto á segunda, que se verifique a sua entrega a quem competir, passando, porem, o recebedor a necessaria cautela até que sejam lançados; e se extraia conhecimento legal, que será remettido à mesma commissão. Rio de Janeiro em 19 de Maio de 1831, etc.

o futuro.

Porem nesses dias criticos, a lucta ardente das ideas transformava-se inevitavelmente em factos. O fundador da monarchia entendeu que, para consolidação da sua obra, lhe cumpria modificar o pessoal dos que chamara para artifices do monumento. Demittiu o primeiro ministerio, dissolveu a constituinte ('), e com o assenso dos povos outorgou a mais liberal constituição.

Mas a lei fundamental tinha, para muitos, duas maculas: estabellecia a continuação de uma religião do Estado, e a forma de uma monarchia com a respectiva designação dynastica (**). Para os demagogos, cumpria delir essa Carthago; e como o heroe era o principal penhor da ordem, declarar-lhe uma guerra pessoal violenta, atroz, incessante, sem treguas. Uns por estes motivos, outros arrastados, lá foram ingrossando fileiras, até que este triste estado chegou á mais precaria das situações.

Não o desconhecia o Imperador. O partido democratico, adoptando como symbolo a palavra Federação, não occultava já as suas idéas. Por isto é que o Sr. Dom Pedro I, em sua posição defensiva, exclamava aos povos na proclamação que de Ouro Preto lhes dirigia:

« Ajudai-me a sustentar a constituição, tal qual existe, e nós jurámos. »

ERA TARDE, como hoje se escreve em phrase revolucionaria; os diques estavam transpostos; a inundação irrompeu. Dir-se-hia que Annibal batia as portas de Roma... (***)

- (*) Ha quem se atterre (por convicção ou calculo) com as dissoluções da camara de deputados. Dar-se-ha caso que se não queira um remedio ainda para os dias em que uma camara se pretenda arvorar em convenção nacional? Seriam acaso golpes d'Estado as dissoluções do 1.º de Maio de 1842, 24 de Maio de 1844, de 19 de Fevereiro de 1849? Nas situações anormaes, e quando duas opiniões políticas se balançam approximadamente em numero, não póde o Imperante applicar melhor remedio á situação do que consultando o paiz real, unico que soffre com similhantes phantasmagorias do paiz parlamentar.
- (**) S. Jeronimo, em sua Epistola XIV a Rustico (monge) se exprime de um modo, que hem se applica á realeza, e á arte de reinar:
- "Nulla ars absque magistro discitur. Etiam muta animalia, et ferarum greges ductores sequentur suos. In apibus principes sunt. Grucs unam sequentur ordine litterato. Imperator unus. Judex unus provinciæ. Roma ut condita est, duos fratres simul habere reges non potuit, et parricidio dedicatur. In Rebeccæ utero, Esau, et Jacob bella gesserunt. In navi unus gubernator, in domo unus dominus; in quamvis grandi exercitu, unius signum exspectatur."
- « Que arte ha hi, que sem mestre se aprenda? Até os mudos animaes até as feras lá vão seguindo os seos conductores. Nas abelhas ha uma rainha. As andorinhas formam seu delta nos ares, voando após a primeira. No Estado é só um o imperador. Na provincia ha um supremo juiz. Edificada Roma, não poude conter dous reis, apezar de irmãos, e nasceu com um fratricidio. No seio de Rebecca, Esaú e Jacob se guerrearam. Para uma nau, um piloto; para uma easa, um dono. Para um exercito, mais que infinito, um general.»
- (***) * A mysteriosa viagem do imperador á Provincia de Minas-Geraes, e a insidiosa proclamação com que de lá annunciara o seu regresso á Côrte, nos dera a todos o primeiro rehate, que Annihal estava ás portas de Roma. ** (Relatorio do Ministro da Instiça de então á Assembleo Geral!!.)

Se foi Annibal, despresou approveitar as licções de temporisação (que tão uteis lhe seriam) dos antagonistas Fabios Maximos. Se foi Annibal, foi tambem o Scipião Africano de si mesmo.

Rajou o 6 de Abril, com todo o seu cortejo de tumultos, com todo o seu desprender de vinculos políticos e sociaes. Corramos um véo sobre o que esses dias ostentam de melancolico, e observemos sómente o vulto heroico. Se D. Pedro desembainhasse então sua invencivel espada (*), a uma só palavra, a um só aceno seu, ondas de sangue tingiriam nossas praças, e as furias de uma indomita guerra

(*) Ha quem contrarie esta asserção, e tambem calumnico procedimento de leaes cidadãos; cumpre, por tanto, restabelecer os factos, com toda a segurança da verdade, e apontaremos quantos bastem para firmar esta convicção.

No dia 6 de Abril, haviam successivamente chegado a S. Christovam noticias da effervescencia que os clubs tinham feito promover nas praças publicas. Nessa tarde, o Sr. D. Pedro I, passeando no turrião, com seu filhinho pela dextra, converson com quantos se lhe dirigiam, com uma tranquillidade de animo, e sobre uma variedade de

assumptos, que assombron todos, em ties circumstancias.

O batalhão do Imperador (corpo, cujos membros collectiva, e individualmente deviam todos ao soberano os maiores beneficios... e que cmfim era a guarda do Imperador!) achava-se postado no pateo do Palacio. Multiplicando-se os avisos, S. M. mandou, ás 9 para as 10 horas da noite, o marquez de Cantagallo perguntar ao major Luiz Alves de Lima (hoje marquez de Caxias) qual suppunha ser ocspirito da tropa em geral ? Respondeu o Sr. Lima que: - « os soldados da maior parte dos corpos que se achavam no Campo de Santa Anna estavam contaminados do espirito anarchico, à excepção do Batalhão do Im-

perador, e do Corpo de artilharia montada. »

Voltou segunda vez o mesmo fidalgo, da parte de S. Magestade, e perguntando-lhe se, no caso de passar elle major a commandar o Batalhão, naquella mesma noite, poderia assegurar a fidelidade delle; e teve como resposta, e que o espirito da revolta layrava na maioria dos officiaes do corpo; e que tanto assim era, que os anarchistas, contando com a boa disposição de espirito da maioria dos officiaes, não se tinham dado

ao trabalho de perverter os soldados. »

O que ahi se seguiu eutão, não sahemos a quem mais honre, se ao soberano, se ao leal major! Accrescentou este:—« Se S. M. quizer debelar o movimento, nada será mais facil. Bastará para isso segnir nesta mesma noite para a Fazenda de Santa Cruz, e alli reunir as milicias, á frente das quaes estou prompto eu mesmo para me collocar, devendo postar-se no Forte do Campinho os pontos avançados. Se, porem, se adoptar este alvitre, deverá ser acompanhado de um decreto, concedendo baixa a todos os soldados de 1.º linha, que a quizerem; pois, feito isso, dentro de 24 horas, os officiaes se acharão sós. »

Regressou o marquez ainda pela terceira vez, para transmittir ao illustre major as palavras do soberano:— « O expediente proposto é digno da lealdade do major Lima; porém, não o acceito, pois não quero de modo algum que, por minha causa, se der rame uma so gotta do sangue brazileiro. Por tanto, vá o major para o Campo reunirse aos seus companheiros!

Que ridiculo, e ingrato não é, em presença desta ordem magnanima, o boato de que o Imperador, chegando á janella, a fim de chamar a sua guarda, ficára atterrado, vendo

que ella havia desapparecido!

Já não vive o marquez de Cantagallo (que duas vezes voltou depois ao imperio), mas vivem testemunhas superiores a toda a excepção, que todos estes factos muitas vezes lhe ouviram narrar. Vive o Sr. marquez de Caxias, que estamos egualmente persuadido nos não contrariará em ponto algum lesta narração, que nos fora feita por pessoa em quem depositamos a mais inteira confiança.

E pois que isto vem a pêlo, e já é tempo de ir rectificando maitas noções adrede fal-sificadas, diremos que o Sr major Lima intendia então (e asseveramo-lo, pois poderia-

O FUTURO. 11

civil, invadiriam o imperio inteiro, talvez para annos largos! Não era o Defensor Perpetuo do Brasil homem de vingança, nem de egoismo; bem poude dizer que mui voluntariamente abdicava (°). Esperava que o paiz tanto seu devedor, respeitaria o deposito precioso que lhe deixava, e partiu para em longes terras ir ainda pugnar, e morrer pela lei, e pela liberdade. Partiu, em dias máos: houve quem entendesse então que os symbolos da realeza deviam espedaçar-se, para lhes aproveitar o ouro e os brilhantes (°); era o meio de tornar certas idéas eloquentemente tangiveis!

Esta abdicação espontanea teve ainda a vantagem de arrancar o Brasil ao stygma de revolucionario. Foi a corôa devolvida na ordem da successão, segundo o direito fundamental, e por acto legal, e voluntario do Imperante; não houve combate, sangue, nem resistencia; nas instituições não se deu modificação e desapparece a idéa de coacção, desde que se vê esse Imperante declarar (e com todo o fundamento) ter assim obrado por que lhe approuve. Por tal forma terminou a sua historia no Brasil aquelle que, como homem commetteu erros, mas como Bemfeitor desta Nação, lhe merece perennaes testemunhos de reconhecimento.

Era noute, quando D. Pedro o Grande resolveu transportar-se

mes citar personagem, a quem o confessou) que a monarchia, retirando-se o Sr. D. Pedro, em tão tempestuosos dias, não poderia subsistir no Brasil. Não concebia a possibilidade de deixar S. M. seos filhos, em meio de tantos abalos, e perigos.

Quem assim se exprimia e o pensava, por intima convicção, não podia, por qualquer

modo, fomentar o espirito de revolta.

E não será descabido aqui apontar, entre tantos outros, um facto comprobatorio dos profundos sentimentos monarchicos daquelle cavalheiro. Achando-se o major M. de F. V. preso na fortaleza de Villegaignon, sublevou a guarnição, e com os soldados revoltados transportou-se á fortaleza de Santa Cruz, donde tirou uma peça de campanha, e reunindo uma força, se apresentou no Campo de Santa Anna, e ahi, aos 3 de Abril de 1832 (não era volvido um anno depois da abdicação) proclamon a republica. Era então o major Luiz Alves de Lima commandante do corpo de Permanentes, que sem detença correu sobre os revoltosos, e os bateu. (Conserva elle, segundo nos foi tambem dito, um rico annel de brilhante, com a inscripção — 3 de Abril de 1832 — offerecido em memoria desse facto por alguns monarchislas de então.)

Voltando, porem, ao principal assumpto desta nota, repetimos, que o Imperador não abafou o movimento do 7 de Abril, por não quercr derramar sangue brasileiro. Muitas outras provas poderiamos adduzir, mas não tolera taes desenvolvimentos a natureza deste escripto.

- (*) Assim se exprime o acto da abdicação: « Usando do direito que a constituição me concede, declaro que hei mui voluntariamente abdicado na pessoa de meu muito amado, e prezado filho, o Sr. D. Pedro de Alcantara.
- (**) Logo depois da abdicação foi ordenado ao porteiro da imperial camara, que entregasse ao thesoureiro-môr do thesouro nacional a coróa guarnecida de brilhantes, sceptro, e estoque!

E foi em alto logar objecto de discussão, se essas joias não deviam ser antes applicadas para as orgencias do estado! para bordo da náu ingleza, que o devia levar á Europa. Dirigiu-se primeiro ao aposento do filho, da innocente creança a quem o rigor da sorte punia com tão prematura elevação. A creança dormia. Não quiz seu pae que a accordassem. Ficou alguns minutos contemplando-a mudo. O que em taes circunstaucias lhe tumultuaria no espirito, o embate dos sentimentos de affecto, de piedade, de terror, de esperança, de saudade, não é dado á penna descrevel-o. Era a immensa alma de D. Pedro absorpta; quem poderia pintar, imaginar mesmo o que lhe iria lá dentro?

Afinal, arrancou-se e partiu (*). Com o ultimo osculo paterno, tinha o heroe depositado sobre aquelle travesseiro infantil, corôa... que mais promettia espinhos do que rosas.

E desde esse dia, inscreveu o Brasil no catalogo dos seus monarchas, o nome do Sr. D. Pedro II como segundo Imperador.

(Continua.)
J. P. DE C.

(*) Testemunha ocular nos assevera dous factos, que importa aqui repetir. Nos dias immediatos ao em que o Sr. D. Pedro se recolheu a bordo da nau ingleza, recebeu valiosissimos offerecimentos de algumas das mais leaes espadas (Poderiamos citar com houra alguns desses illustres nomes). S. M. agradecendo, pediu a todos que as reservassem para defesa do throno de seu filho, accrescentando esta phrase: — « Des que livremente abdiquei, o desembainhar a minha espada já não seria acto de rei, mas de rebelde.

Foram, no dia 9, contar a D. Pedro, o que nessa manhã se havia passado quando o menino Imperador fôra assistir ao Te-Deum, na Imperial capella; que ondas de povo se haviam reunido para o verem passar; que apenas despontou elle em um coche, puchado por innumeraveis braços, rebentou immensidade de vivas; que todos se abraçavam, e congratulavam; que apóz os juizes de paz, que iam a cavallo, com as bandeiras verdes desenroladas, seguiam mais de 500 cidadãos com os braços entrelaçados, e vozeando etc. Então o Sr. D. Podro, recostada a cabeça á dextra, fitos os olhos na sua ou tr'ora tão fiel cidade, deixou deslisar-se-lhe uma lagrima, e disse pausadamente: — « Pedaços-d'alma! Patria! Filhos! Pouco ha que iguaes vivas retumbaram em honra minha; o eu fui objecto de iguaes manifestações... E hoje! Possa a fortuna ser mais fiel a meu filho! Possa o sen coração nunca ser dilacerado como este que tanto amou os proprios que o desconhecem.

E, intranhado em suas meditações, ninguem então ousou responder-lhe, nem con-sola-lo

2000

O MAIOR AMIGO DE LUIZ DE CAMÕES.

1.

ATHIAS Salazar nasceu no ultimo quartel do seculo passado, em Lisboa.

Era seu pai um professor de grammatica latina, idolatra de Horacio, e mais ainda dos nossos escriptores classicos, e sobre tudo de Luiz de Camões.

Colleccionou o latinista uma camoniana, quasi perfeita. Privouse muitas vezes de reformar a cossada casaca para comprar a edição rara, e não pequenas angustias domesticas lhe custou esta sublime loucura, que nos ricos é luxo, e nos pobres paixão digna de respeito.

O velho Salazar legou a seu filho Mathias as melhores edições venezianas dos classicos latinos, e a camoniana, ainda incompleta.

Mathias recolheu com a herança preciosa a paixão paterna. Talvez lhe escasseassem recursos para enterrar modestamente o pai; talvez que os derradeiros lençoes se rompessem no tracto da longa enfermidade; póde até ser que o herdeiro illudisse a fome com os extasis contemplativos na livraria; é, porém, certo que Mathias Salazar, com quanto magoado de saudades, gosava-se na posse da herança com jubilo, não semelhante na essencia, mas igual na intensidade, ao de um perdulario herdeiro, sequioso de esbanjar o cofre do pai avaro.

Herdara-lhe tambem a sciencia o solitario Mathias. Sabia latim em grande copia; e, posto que a idade fosse verde ainda para o magisterio, os pais dos discipulos, informados do bom proceder do moço de vinte e dous annos, consentiram que seus filhos se aperfeiçoassem com elle.

O viver de Mathias era leccionar latim, e reler os Lusiadas, ampliando as notas, que seu pai escrevera, em accrescentamento ás do licenciado Manoel Corrêa, edição de 1613. Neste lavor, enlevo das horas roubadas ao repouso, o professor esquecia-se de providenciar para as sopas do dia seguinte, quando acontecia gastar n'alguma versão estrangeira dos Lusiadas os amuados cobres que forrava da pitança de cada mez. A necessidade aguilhoava-o algumas vezes em seu lethargico despreso das reclamações do estomago, e então repetia comsigo estas palavras do principe dos poetas do seu tempo: «... Ahi está o meu Antonio, pedindo-me quatro maravedis para carvão, e não tenho para lh'os dar. » E accrescentava, fallando a si proprio: « Como ousas tu carpir-te, miseravel verme, se não tens um pão em casa!? »

N'um desses dias de extrema necessidade, um erudito abastado procurou Mathias para examinar a sua camoniana ainda incompleta. O curioso olhou em deredor de si, e viu a indigencia tão escripta nos moveis como no semblante e trajos do possuidor da camoniana. Animou-o o aspecto da pobresa a propor ao latinista a venda do seu thesouro. Mathias respondeu:

- Primeiro, venderia o sangue das veias, senhor!
- Talvez não saiba replicou o rico que eu lhe dou quatrocentos mil réis pela collecção das suas edições.
- Não vendo, sephor; e creia que vivo do magro jantar de hontem, porque no principio do mez comprei o tomo VII das Memorias da Academia, em que vem impresso o *Discurso do conde da Barca contra de la Harpe*, detractor do nosso Camões.
- Sendo assim redarguiu o douto o senhor tem a cabeça desarraniada!

Mathias Salazar sorriu amargamente á injuria, e reteve no peito a resposta e a desaffronta.

II.

Outro erudito de melhor cabeça e coração, e já sobre idade, procurou o mestre de latim para ver algumas folhas damnificadas d'um commento ás rimas de Luiz de Camões, escriptas por João Pinto Ribeiro, a alma da revolução de 1640. Porção do manuscripto, que chegára a estar na typographia, Deus sabe porque esforços e dinheiro, chegou ás mãos do pai de Mathias!

Examinou o douto apaixonado as paginas, e maravilhou-se do muito que o paciente moço cavára no terreno philologico para recensear as palavras innovadas pelo immortal epico, ou restau-

O FUTURO. 15

radas do portuguez antigo. De sorte se travaram e amistaram os dous amigos de Camões, que d'ahi em diante passavam juntos as suas horas feriadas.

A situação domestica de Mathias melhorou consideravelmente. O amigo espiava-lhe as necessidades, e providenciava a tempo e com a delicadesa, melhor que o favor, de modo que o philologo mal sabia quando o pequeno lucro das lições se acabava.

A tanto chegou o affecto do velho, que lhe offereceu uma sua filha, menina de prendas, com patrimonio bastante para a independencia. Mathias pediu espera de tempo e reflexão, e sahiu com uma resposta de que o proprio velho se espantou:

— Eu tenho todas as minhas faculdades sujeitas ao amor d'estes livros — disse o Grammatico. — Vivo alheio a tudo, e concentrado n'um só ponto. A minha paixão é o estudo. Se eu trouxer para junto de mim uma senhora, serei como um amigo; mas verdadeiro amante, como entendo que deve ser o marido, isso é que eu, apezar meu, nunca saberei ser. Seria desditosa a senhora que casasse comigo, se ella não amasse os meus livros mais que a mim proprio. Tenho vinte e cinco annos, e nunca experimentei leve desejo de me casar, ou mesmo de entreter o coração com affectos estranhos ao estudo. A idade das paixões passou, sem eu dar fé que passava. Já agora assim irei indo, e bem vou, se alguma imprevista desgraça me não tolher este obscuro contentamento.

Não teve que retorquir o velho, nem o seu amor proprio se offendeu. Continuaram na maior intimidade, manifestada por uma nova prova de dedicação por parte do crudito, que valia muito com os homens grandes do reinado de D. Maria I e da regencia de D. João.

Vendo o velho que o seu amigo, com tantas horas de trabalho, escassamente ganhava para alimentar-se e vestir-se com a aurea mediocritas, que o professor tanto encarecia, cuidou em arranjar-lhe emprego n'uma secretaria de estado. Consultou a disposição do moço, e, como o visse rebelde a acceitar occupação incombinavel com o genero de seus estudos, levou-o a acceital-a, prometendo conseguir que o ministro o dispensasse da assiduidade nos trabalhos de escrivaninha. Acceitou Mathias o emprego; e, zeloso no cumprimento dos seus deveres, sujeitou-se, sem faltar um dia aos trabalhos que tão longe estavam de se compadecerem com a sua indole litteraria. O velho tomou a peito melhorar-lhe a mobilia,

e ordenar-lhe em melhores estantes os livros, que iam croscendo á medida que augmentavam os lucros.

111.

Em 1811, soffreu Mathias Salazar uma das maiores dôres de sua vida, senão a maior depois da morte de seu pai. Então foi que José Agostinho de Macedo sahiu a lume com as suas « Reflexões criticas sobre o episodio do Adamastor nos Lusiadas, cant. V. • out. 39. » Luiz de Camões era deprimido pelo zoilo; a imagem sacratissima dos amores de Mathias era innodoada pela saliva pestilencial do sordido graciano. Sabio algum, portuguez ou estrangeiro, se attrevera a menospresar o maior poeta do seu seculo! Lá fóra as multiplicadas versões em todas as linguas; na patria as successivas edições veneradas como o archivo unico dos factos d'ella; o poema de Camões posto como base de eterno bronze ás ruinas da nação que descobrira mundos! e, assim mesmo, ha um portuguez que se chafurda na lama da inveja, e ousa sacudil-a á face do decrepito Portugal, que não tem mais glorias vivas que as do seu poeta! Profunda angustia excruciara o coração de Mathias.

Posto que carecesse do habito de escrever, e dar relevo e ordem á sua muita leitura de epopeas classicas, Mathias Salazar escreveu um folheto contra o detrahidor de Camões, e á sua custa o estampou, e gratnitamente o distribuiu para accelerar o conhecimento da resposta, temendo que o pol-a á venda o retardasse, e tivesse alguns animos fracos suspensos, ou inclinados ás razões de José Agostinho. Para satisfação do nosso portuguez de fina tempera, sahiram á liça, contra o crytico, João Bernardo da Rocha, e Pato-Moniz; mas o graciano recalcitrou com obcecada contumacia, e mais injuriosas invectivas, no « Exame examinado » que publicou em 1812, ao mesmo tempo que ostentava « O Gama » com desenfreada philaucia.

Deccorreram oito annos em que, a intervalos, a polemica do contumaz fradalhão fez febres de raiva a Salazar. Recrudesceram estas ao extremo afogo da indignação, quando José Agostinho estampou uma geral « Censura dos Lusiadas » depois de haver publicado o « Oriente » no estolido e protervo intuito de se avantajar á epopéa de Camões, tractando o mesmo motivo do descobrimento de novos céos e novos climas « por mares nunca d'antes navegados ».

Com que prazer, porém, Mathias Salazar não leu a « Agostinhei-

o futuro.

da! » Ahi era engenhosamente biographado o frade com mordente satyra, e verberado por látego de mão que sabia onde estavam as fibras mais doridas! Salazar decorou os relanços mais sarcasticos, para os andar declamando a quem lhe pagava a canceira com estridolas risadas, com as quaes pensava elle vingar bem vingado o seu Camões. Promiscuamente declamava elle a prosa faceta d' « O Gigante Adamastor vingado, ou o Gama convertido, em Gamelada » apologia de Camões, e severas palmatoadas que estoiravam nas sacrilegas mãos do frade.

A primeira vez que aos olhos de Mathias Salazar chegou o poema de Almeida-Garrett, deu-se lá n'aquella enthusiastica alma uma alegria, que só outra maior elle teve em sua vida, e essa hão de ver que o desceu á sepultura. Extraordinario devia ser o alvoroço de seu espirito, á só palavra Camões, para, desde o prefacio, absolver o author do livro destas palaras: «declaro desde já que não olhei a regras nem a principios, que não consultei Horacio nem Aristoteles, mas fui insensivelmente depós o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos calculos da arte e operações combinadas do espirito. »

Se Mathias, n'um outro qualquer poema, não intitulado Camões, lesse o atrevimento de « não consultei Horacio nem Aristoteles » lançaria de si o livro attentatorio dos preceitos e dos inviolaveis sacramentos da arte.

Leu de um só folego o livro das saudades, o hymno grandioso do que fomos como heroes, e a asperrima condemnação do que fomos como ingratos.

E desciam-lhe a quatro as lagrimas, quando declamava:

Correi sobre estas flóres desbotadas Lagrimas tristes minhas, orvalhai-as, Que a aridez do sepulcro as tem queimado. Rosa de amor, rosa purpurea e bella, Quem entre os goivos te esfolheu da campa?

Depois da restauração, Salazar pôde ver o author do poema; não ousaria fallar-lhe, mas deliciava-se a contemplar a espaçosa fronte, donde sahira a chronica de Luiz de Camões, como os anjos poderiam escrevê-la. Um erguêra á patria uma ara onde fumará eterno o incenso do genio; o outro, na ara da patria, erigira o grão-cantor como symbolo já agora quasi unico das venturosas e ephemeras glorias della, com elle mortas.

Os olhos turvos para o céo levanta; E já no arranco extremo: — « Patria, ao menos, Juntos morremos... » E expireu co' a patria.

IV.

Mathias Salazar, posto que tivesse sempre vivido alheio a partidos, e até ignorasse as leis da monarchia e o legitimo senhor do throno portuguez, foi demittido em 1834 do seu lugar da secretaria, que exercêra cerca de trinta e tantos annos. A desfortuna não lhe fez damno com esta injustiça. Nesse, ou no seguinte anno, morreu em Lisboa um conego, seu parente, que lhe deixou fazendas na provincia de Trás-os-Montes, bastantes para sustentar-lhe os restantes annos da vida com decencia e quietação de animo. E, como a esse tempo Mathias Salazar soubesse que vivia em necessidade a filha do seu defunto amigo, já com filhos, a mesma que lhe fôra offerecida, e depois casára com um delapidador do patrimonio, e de quem enviuvára, levou-a para sua companhia, acarinhou-a como a irmãa, e entregou-lhe a administração de todos os seus haveres. Nobre procedimento do velho que assim pagou a amizade do outro!

Neste tempo deu-se Salazar com todo o fervor de seu peito aos velhos amores do seu Camões. Cogitava elle em escrever-lhe a vida, mas descorçoava-o a pouquidade de noticias elementares com que urdi-la, sem seguir as pisadas dos outros biographos. Neste desejo, mal ajudado pela imaginação cansada, sahio de Lisboa em demanda do lugar onde Camões passára a sua primeira época de desterro, por amor de Catharina de Athaide, ou por haver ferido em duello o maledicente que mareára a clara fama da sua Natercia.

A duas leguas de Abrantes, no declive da montanha que se lava no Tejo, onde agora é Constança, parou Salazar, e ahi repetiu ás solidões os versos do desterrado; e de lá, olhando a torrente do Tejo e as barcas que vem derivando para Lisboa, exclamou com o poeta:

> Até que venha aquelle alegre dia Que eu vá onde vós ides, livre e ledo; Mas tanto tempo quem o passaria! Não póde tanto bem chegar tão cedo: Porque primeiro a vida acabaria Que se acabe tão aspero degredo.

O velho compenetrava-se de suas doridas fantazias, e consubstanciava, na sua, a alma do poeta, alanceada da barbara ingratidão dos seus contemporaneos. Esta dôr, igual á que elle poderia sentir pelos infortunios de um extremoso amigo, parecer-vos-ha singular, senão maniaca. Seja como fôr, a amargura do amigo de Luiz de Camões era sincera. Talvez se deva explicar tamanha singularidade por uma desordem de espirito, preparada desde os tenros dezoito annos, em que elle começára a idolatria do poeta; e, depois, a soledade de uma longa vida, e o concentrar-se naquelle só pensar e meditar, quer-me parecer que tanto basta para justificar a dôr que lhe representa a constante imagem do tão infeliz como sublimado glorificador da patria.

Arfava-lhe em ancias o peito, quando na mente, como traços de fogo, lhe sahia o soneto de Camões, invocando a morte, como remedio ao cru tormento da saudade, recrudescido pelo da miseria:

Oh! quanto melhor é o supremo dia Da mansa morte, que o de nascimento! Oh! quanto melhor é um só momento Que livra de annos tantos de agonia. etc.

Igual commoção o debulhava em lagrimas, repetindo a tão maviosa estancia dos Luziadas:

E ainda, nymphas minhas, não bastava Que tamanhas miserias me cercassem; Senão que aquelles que eu cantando andava Tal premio de meus versos me tornassem. A troco dos descanços que esperava, Das capellas de louro que me honrassem, Trabalhos munca usados me inventaram, Com que em tão duro estado me deitaram.

V.

E enlevava-se em dolorosas e sombrias meditações o velho Salazar, pensando na morte do poeta.

Comquanto frei José Indio, monge de Guadalaxara, annotasse à margem de um exemplar dos Lusiadas: « Yo lo bi morir en un hospital de Lisboa sin tener una savana con que cobrir-se.... » Mathias acreditava que Luiz de Camões tivesse morrido na albergaria de Santa Anna, asylo de caridade em que os pobres iam curar-se nas doenças, ou morrer dellas. Sabia o velho que do palacio dos Vimiosos fôra a mortalha para o cantor de Ignez; e dahi inferia que o poeta, a ter morrido no hospital, receberia a mortalha da Santa Casa.

Passava o velho horas em extasis defronte de umas ruinas, visinhas da ermida do Senhor Jesus da Salvação e Paz, junta ao Arco
de Santa Anna. Alli dizia a tradição que morára o poeta; e pondera
Faria e Souza que nunca mais fôra habitada aquella casa. Dalli ou
de uma proxima albergaria fôra arrancado o cadaver dos braços da
attribulada mãi, e levado á igreja das franciscanas e lançado em
pobre sepultura.

Mas, clamaya Salazar n'um brado intimo,

Onde jaz, Portuguezes, o moimento Que do immortal cantor as cinzas guarda?

E andava como perguntando ás ruinarias e pedras mudas daquelle convento pelas cinzas que sacudira de si a grande alma, batendo as azas que a levaram á bemaventurança. Ao seu pungente scismar respondiam os versos de Garrett:

> Nem o humilde lugar onde reponsam As cinzas de Camões conhece o Luso.

Foi dia de jubilo para Salazar, quando o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, em 1835, alvitrou à « Sociedade dos Amigos das letras » explorar-se a sepultura de Camões; mas logo se atravessou a guerra civil, e esqueceu exhumar os ossos, quando se cavavam sepulturas para enterrar as victimas do odio político.

Mais tarde proseguiram as diligencias. Mathias Salazar, se bem que estranho aos commissionados na exploração, assistiu hora por hora a todos os trabalhos, e deu a medo o seu parecer em todas as conjecturas. Em certo local appareceram uns ossos envoltos em pouca terra. A commissão decidiu que eram aquelles os ossos de Luiz de Camões. Almeida Garrett, neste presupposto, escreven em 1839: « para mim é moralmente certo, é provado, quanto humanamente se pode provar em casos taes, que alli estão as cinzas de Camões. O logar é o da historia: de todos os signaes que ella nos dá para reconhecermos aquelle sepulchro venerado, só nos falta a lousa que o terremoto esmigalhou. »

Mathias Salazar, quando pôde, a furto, curvar-se sobre a supposta e já proclamada sepultura do poeta, tomou com mão convulsa uma vértebra d'aquella ossada, e escondeu-a com avára soffreguidão, e religioso terror.

Quando chegou a casa, sumiu-se no estreito recinto dos seus livros, beijou o ôsso, e permaneceu horas n'um spasmo, cujo signal unico de vida eram umas lagrimas, que en bem não sei se devam chamar-se de alegria.

VI.

Quando um sugeito de Aveiro escreveu, em 1832, uma carta ao Sr. Alexandre Herculano, perguntando-lhe se uma D. Catharina de Athaide, sepultada no convento de S. Domingos de Aveiro, seria a amada de Luiz de Camões, Mathias teve noticia dessa carta.

e o mesmo foi logo partir para Aveiro a examinar os dizeres das memorias contemporaneas de um frade, confessor d'aquella D. Catharina de Athaide, que alli vivêra e morrêra. O velho examinou a memoria, ouviu a tradicção, confrontou a com a historia, e concluiu que as cinzas da infausta amante do poeta estavam no extincto convento de S. Domingos de Aveiro.

Grande, porém, senão dolorosa, foi a admiração de Salazar, quando, annos depois, lendo o primeiro tomo da edição das obras de Camões, precedida d'uma detençosa e illustrada biographia do poeta escripta pelo Sr. Visconde de Juromenha, encontrou as seguintes linhas:

« ... Mas como existiam duas senhoras do mesmo nome e appellido, servindo ambas no emprego de damas da Rainha D. Catharina, ao mesmo tempo que o poeta frequentava a côrte e o paço, cumpre distinguir qual destas duas senhoras foi a amante do poeta. Era uma d'ellas D. Catharina de Athaide, filha de Alvaro de Souza, terceiro filho de Diogo de Souza Castellanho de Arronches, senhor de Vagos, Eixo, Requeixo e outros lugares no termo de Aveiro, mordomo-mór da rainha D. Catharina, e casado com D. Filippa de Athaide, filha de Christovão Corrèa, commendador de Alvalade, de quem teve, alem de outros filhos, esta D. Catharina de Athaide, que foi dama da rainha D. Catharina, e morreu môga, pouco tempo depois de haver casado com Ruy Pereira de Miranda Borges, senhor de Carvalhaes, e jaz sepultada na capella mór do extincto convento de S. Domingos de Aveiro, onde tem um epitaphio pelo qual consta que falleceu aos 28 de Setembro de 1551. Em uns apontamentos manuscriptos contemporaneos, datados do anno de 1573, que existiam entre os papeis deste convento, e escriptos por um frade por nome Fr. João do Rozario, havido em grande credito, conforme a tradição do convento, e que se diz ter sido confessor desta senhora nos ultimos tempos em que vivêra, se lêem estas palavras: E toda las vezes que no Poeta desterrado por ssa razão lhe falava, sempre em resposta havia que assim não cra, e que fora aquela alma grande, que para emprezas grandes, e a regioens tão apartadas o levara. »

Accrescenta, algumas linhas depois, o douto Visconde de Juromenha:

« Pela delicada negativa que esta faz, se vê, que abstrahindo de si a imputação que se lhe fazia, se absteve de nomear a outra senhora, não só por amizade e deferencia com a companheira, mas talvez por que razões mais fortes a impelliam a guardar o segredo exigido... elc. »

Ora, Mathias Salazar tinha tirado das palavras de D. Catharina de

Athaide ao seu confessor, inferencias justamente oppostas ás do Sr. Visconde de Juromenha, e n'ellas permaneceu, depois mesmo que o eminente escriptor deu a razão das suas.

Mathias firma as suas convicções nas seguintes bases:

O confessor fallou mais de uma vez em Luiz de Camões a D. Catharina de Athaide. E toda las vezes que no Poeta desterrado por ssa razão lhe falava, diz a memoria.

Raciocinava Salazar que a suspeita do confessor já não era só suspeita em quanto a ser aquella D. Catharina a amada do poeta; no que elle insistia era em saber se a ida d'elle para a India fôra motivada por esse amor tão notorio, ou por desejos de engrandecer-se no Oriente. A isto respondia a modesta senhora que não fôra o poeta desterrado por causa d'ella, por ssa razão; mas sim porque tinha uma alma grande, aspirando a grandes emprezas, e impellido por essa grande alma, e não por desgostos do coração, se fôra a regioens tão apartadas.

Pedia Salazar que notassem a clareza do apontamento do confessor, e dizia:

« Se o frade estivesse duvidoso emquanto á pessoa, não formularia deste modo o seu dizer, poeta desterrado por ssa razão — por causa d'ella. Fallava-lhe como de cousa sabida. O que elle queria era saber se ella fôra a causa essencial da ida de Camões para tão longe da patria. »

E admirava-se, pois, Salazar que o Sr. Visconde de Juromenha podesse interpretar as palavras do frade tão ao invez do que ellas ostensiva e virtualmente dizem, a ponto de rematar assim a sua analyse e confronto: « Não sendo, portanto, esta, cumpre averiguar qual era a verdadeira amante do poeta. »

Eu, por minha parte, inclino-me á opinião que o leitor quizer, respeitando muito a regeitada.

VII.

Desde que alguns patriotas aventaram a ideia de erigir uma estatua a Luiz de Camões, o nosso velho andava radioso de alegria, já lendo a opinião da imprensa emquanto ao local, já pedindo aos artistas o seu plano, e offerecendo modestamente os alvitres com que sonhava para sahir grande e digno o monumento. A sua ideia era que a estatua se levantasse no campo de Sant'Anna; por ter sido a praça convisinha da casa onde habitára o poeta, e por outras excellentes qualidades topographicas. Levou a um jornal o seu voto com um extenso artigo; mas os redactores perderam o artigo, e

23

acharam que a feira da ladra não podia ser deslocada em sacrificio a uma estatua, nem a estatua soffreria que em volta da sua base se estendessem andrajos e ferraria.

Mathias Salazar benzeu-se quando viu designado entre dous restauradores \acute{a} la carte o local para o monumento de Luiz de Camões; mas pediu a Deus que o não deixasse morrer, sem ver uma pedra que rebatesse os tiros de estrangeiros, por quem somos appellidados barbaros.

Quando elle manifestava este anhello a alguns amigos, estes riam dos outenta e oito annos do ancião, que pedia vida de Nestor para ainda ver a estatua de Camões!

No principio deste anno de 1862, Mathias Salazar caliiu no leito entrevado, e debalde esperou recobrar forças.

- Poderei ir ao menos n'uma sege ou cadeirinha ver a estatua do meu amigo de infancia?

O medico, a quem era feita a pergunta, ria-se da tontice do velho, cuidando que elle se imaginava contemporaneo de Camões.

Tinha Mathias em sua companhia um filho e os netos da filha, já defunta, do erudito que o empregára na secretaria.

Todos os dias lhe liam um canto dos Lusiadas, que elle emendava logo que o leitor passava em claro um verso ou algum monossilabo. Se lh'os declamavam mal, tremia como se lhe applicassem a pilha galvanica aos nervos atrophiados.

CONCLUSÃO.

No dia 28 de Junho de 1862, ás 3 horas da tarde, pediu o velho que o vestissem de casaca, collete de seda, gravata branca, e o transportassem no carrinho á sala, cujas janellas abriam para o largo de S. Paulo.

Naquella tarde havia de passar alli el-rei o Sr. D. Luiz I. para bater a primeira pedra do monumento de Luiz de Camões.

A muito custo o vestiram e transferiram para junto de uma janella rasgada, donde se avistava uma nesga do Tejo.

Mathias pôz os olhos turvos n'aquella lista de agua azulada, e murmurou a primeira quadra d'um soneto de Camões:

Eu me aparto de vós, nimphas do Tejo, Quando menos temia essa partida; E se a minha alma vai entristecida, Nos olhos o vereis com que vos vejo.

E ficou silencioso largo tempo, sem responder ás perguntas da carinhosa familia.

As cinco horas e meia, passou el-rei com grande prestito. Mathias entrou n'uma convulsão, que parecia ser o renascimento impetuoso das pedidas forças. Quasi a prumo, nos braços de dons moços possantes que o sustinham, curvou-se para a rua, e exclamou:

— A ti, a ti, Luiz, estava reservada a dita de veres em teu reinado a estatua do outro Luiz, que te cantou o reino. Ambos sois reis, e reis do mesmo nome! Para ti a maior gloria è elle, que ainda é o pregão da tua patria, e só nos canticos d'elle t'a podem invejar os reis do mundo! Vai, galhardo moço, que a posteridade te levantará uma estatua ao pé daquella que bastará á tua immortalidade!

Tamanho esforço lhe custaram estas palavras, que descu qeubrantado e quasi exanime dos bracos ás almofadas do carrinho.

E assim permaneceu desaccordado alguns minutos, até que o estrallido dos foguetes e o estrondear dos sinos e musicas o espertaram.

Era um espertar de quem já vê a aurora da eternidade.

Quando os navios surtos no Tejo, salvaram, a tempo que a pedra do monumento era assentada, Mathias ergueu-se ainda em tremuras nos braços dos circumstantes, e exclamou:

-- Bem!... bem... O meu Camões tevé afinal uma patria... à o diz artilharia... Por alli passou elle, vindo da India, obscuro, pobre, com a mão estendida á mortalha dos Vimiosos....

Terra em que pôr os pés me fallecia, Ar para respirar se me negava E faltava-me emsim o tempo e o mundo...

Disseste-o, meu Luiz... Olha tu lá do ceo, vê que nuvens de fumo toldam o teu Téjo... Annuncia Portugal ao mundo que Camões é seu... Agora, tens terra, terra da que tuas lagrimas amassaram com lagrimas... Vi a tua gloria, leva-me agora, ó meu amigo de toda a vida, leva-me agora n'um raio de teu resplendor.

Recahiu de novo extenuado, com os olhos meio velados, e um sorrir nos labios entre-abertos.

Rodaram o carrinho para o quarto do leito. Pediram-lhe os braços para o despirem; e, como elle não respondesse, ergueram-lh'os com brando movimento, e viram que elles decaiam logo que se achavam desamparados.

Houveram susto daquella atonia. Chamaram-o com anciedade, agitaram-o com a força que dá a afflicção.

Mathias Salazar, o maior amigo de Luiz de Camões, como alma immaculada em longa vida de oitenta e oito annos, subira á bemaventurança n'um raio da gloria do seu poeta, que tambem lhe fóra o anjo do conselho, das lagrimas, e da paciencia.

Lishoa, 8 de Julho de 1862. CAMILLO CASTELLO BRANCO.

AO PUBLICO BRASILEIRO E PORTUGUEZ.

STE periodico vai tentar a realisação de um pensamento ha muito concebido por todos os que prezam as litteraturas dos dous paizes em que se falla a lingoa portugueza. Estabelecer um campo commum, em que livremente, sem preoccupações mesquinhas de opinião ou nacionalidade, viessem discursar os escriptores de ambas as nacões, levar a estas o conhecimento mutuo do movimento litterario de cada uma, e dar impulso com o exemplo reciproco, ao progresso litterario de paizes tão ferteis em imaginações ricas e pensadores elevados. — é proposito que póde fazer sorrir incredulos do adiantamento, ou entristecer as almas mesquinhas que amam a sombra e o isolamento, e receiam os salões illuminados, os banquetes fraternaes em que ha sociabilidade, mas hade alegrar, ennobrecer de aspirações os animos generosos, que sonham futuro, amplo em civilisação e grandeza social, para as duas nações de origem portugueza. Porque recearemos, nós, soldados da patria intellectual, em qualquer dos dous paizes, juntar-nos em arraial commum, depôr as 'armas em feixes entremeados, para concertar-nos nos preparativos á conquista da primazia intellectual: não tem vida propria ambas as nações, não tem consciencia da sua força, não tem uma o passado que a sustenta, não tem outra a grandeza da sua missão, que lhe fortalece a dignidade? Para que arrefecimentos de enthusiasmo, quando se trata, não de ceder qualquer das prerogativas sociaes de nação independente, mas, ao contrario, de dar mais força á existencia social de cada nação, promovendo com a emulação nobre, o adiantamento litterario, que é a muralha idéal, sim, mas inexpugnavel, que defende as nações contra estranho dominio? Quem poderá dizer a uma nação illustrada ao par das primeiras, com população identificada pelo ensino, ennobrecida por ideias communs de adiantamento em todos os sentidos, que sugeite a sua vida economica ao gozo de estranlos aproveitadores, a sua vida política ás imposições de protectores ambiciosos e refalsados? Nações grandes por seu estado intellectual, pelo aperfeiçoamento do povo, ganham depressa os melhoramentos industriaes, os brios da superioridade, as pretenções a lugar distincto entre os grandes poderes da terra, amor ao trabalho, de que dependem todas estas conquistas. Deixai os apaixonados da bolsa, os poetas do macadam e do ferro fundido, condemnar a litteratura e trocar um idealista, umpensador, um colleccionador historico pelo primeiro infileirador de algarismos: as nações crescem, e conquistam o futuro com os primeiros, decahem e ficam prezas ao sordido interesse com as almas pequenas que tudo vendem e tudo avaliam em dinheiro.

Não queremos com isto condemnar o progresso material, nem os homens industriaes: são funcções sociaes tão dignas, como as da direcção moral, pois o trabalho honra e eleva, todos os que o exercitam, é a base da riqueza e da prosperidade publica; o que desejamos é reprovar os desdens dos amigos exclusivos do interesse pecuniario, que motejam e perseguem todas as ideias generosas que os idealisadores apresentam. Honra ao trabalho, que cresta o rosto aos sóes diurnos da actividade mercantil, que calleja as mãos nas lides afanosas da mechanica industrial, e que vem depois nas horas de descanso cultivar o espirito, alimentar-se de nobres intenções nos livros dos narradores e poetas, e ensinar seus filhos a serem moralisados e instruidos, para engrandecimento da familia e da patria! Esses não trocam as ideias nobres por dinheiro, esses nos entenderão!

E não venham amortecer-nos o enthusiasmo, a nós, jovens que entramos neste combate contra a estagnação intellectual das nossas patrias, os maldizentes das proprias nações, que só tem admirações e applausos para obras de algibebes litterarios do estrangeiro: para elles tudo o que o Brazil e Portugal produzem é imperfeito, não tem o cunho da graça franceza, da profundidade allemã, do positivismo inglez: pobres homens de letras de aquem e além-mar, a vossa lingua, no entender destes sabios sem patria, é barbara, pobre, desenfeitada, é pedinte esfarrapada, que, quando muito, póde furtar ás ricas senhoras do norte a esmolla forçada de algumas traducções! Não entendam espiritos prevenidos, que desprêzamos os grandes mestres das nações estranhas. Tem defeitos, como os

0 FUTURO. 27

tiveram Homero e Camões, mas presidem dignamente ao movimento intellectual da época. Ninguem passará, por certo, pensando como nós, coberto e altivo por ante aquella fronte triste e sombria, que encerra as tempestades sociaes desta transição actual; ninguem deixará de ir beijar a mão do desterrado, que sacrificou riquezas pessoaes ao progresso da civilisação evangelica, e que tem um nome tão grande como a revolução moral a que preside : do homem que se chama — Victor Hugo —. Mas se ante estas realezas do engenho dobramos com veneração os joelhos, se reconhecemos os seus direitos á direcção na republica democratica e federalista do mundo litterario, porque não faremos esforços para termos voto e assento no congresso, darmos idéas novas e modelos d'arte ás nações que nos ali acompanham? Não temos por ventura historiadores, poetas, economistas, narradores, que valem os das nações mais adiantadas? E' escusado citar nomes, nem queremos fazer preferencias entre amigos e mestres, que prezamos pela communidade das intenções generosas; são hoje tão numerosos entre nós, que devemos abencoar o sol da liberdade, que em ambas estas terras tão rica messe de talentos veio dar a nações ha pouco desfallecidas e presas ao carro mortuario da reacção monarchica e religiosa.

E' o mais humilde de todos os amadores da litteratura, quem vem applaudir o pensamento da redacção perante os seus companheiros de trabalho ou de intenções; o publico de ambos os paizes entra no numero dos ultimos, pois é em intenções tão elevado como o mais valente idealista. Sabemos que muitos espiritos distinctos de ambas as nações partilham a nossa opinião: honra a estes crentes da patria, que não olham só para a pallidez e crepusculo vago do dia actual, e veem mais longe, em dias vindouros, a renovação da força material pelo impulso das idéas. Esta humilde voz não tem outro merito particular senão estimar com igual amor ambos os paizes, desejar o desenvolvimento de suas instituições livres, sonhar para ambos identica grandeza. Nações do futuro, é precedidas por esta flammula significativa, que vão dar a primeira manifestação da sua força commum: os amigos do progresso nacional, em ambos os póvos, applaudem de coração a tentativa!

Rio de Janeiro, 7 de Setembro de 1862.

REINALDO CARLOS MONTÓRO.

O KUKURO.

IVAGAM por esse mundo duas damas, a quem todos se curvam, a quem todos tributam as mais respeitosas homenagens.

Eu mesmo, que sou homem sisudo e circumspecto, já empisqueio olho esquerdo a uma dellas, o direito a outra, e —devo confessal-o — empisco-os hoje ambos ás duas simultaneamente.

A sua benevolencia para comigo não é tanta como requer a minha vaidade, c á vaidade não póde chamar-se defeito, sem ultrajar o Creador; defeituoso é aquelle que a não tem, segundo o resultado do profundo exame a que tenho procedido sobre o homem.

Se agora me sinto animado por um ligeiro sorriso, promettedor de ineffaveis delicias, vem logo o desdem desenganar-me de que não podia viver

N'aquelle engano d'alma, ledo e cego, « Que a fortuna não deixa durar muito. »

Nesta obstinada guerra com o destino tenho adquirido a qualidade mais util a todo o genero de pretendentes: — a pertinacia.

Firme no posto, não desistirei da empresa, e conseguirei domestical-as.

Hade realisar-se, a todo o custo, o dito de Danton: L'audace, l'audace, et toujours l'audace.

O exito da minha insistencia começa a apparecer-me de noite. Vejo-as em sonhos, sustentando cada uma dellas um regador na mão, e a minha extraordinaria perspicacia dá-me, como resolução deste problema, a certeza de que se acham dispostas a alimentarme n'alma a viçosa flor da esperança, dada a possibilidade de estar a alma ao alcance do regador.

Por mais que o deseje não posso affastar-me deste estylo imaginoso e poetico.

E' vocação, hade cumprir-se.

Uma dellas é gorda como um frade ignorante, e pesada como um boi de vinte e cinco arrobas. Não ha intenção epigrammatica nesta approximação de frades e bois.

Com taes condições já se vê que o ruido dos seus passos deve ser escutado ao longe, como succede no theatro todas as vezes que um novo actor deve entrar em scena: os homens disputam vigorosamente entre si a gloria de serem-lhe agradaveis, e ella, insuflada pelo maldito orgulho, impõe com a maior audacia a sua superioridade, vangloriando-se de ver curvadas a um seu leve aceno as mais elevadas frontes.

Apezar da sordidez que a caracterisa, todos a procuram, adoram-a todos e é altamente disputada a sua posse. E não é pela bellesa ou pelo espirito. E' pelo nome. A respeitavel matrona chamase-Riquesa.

Não a julguem, porém, esquiva e desdenhosa para todos os seus adoradores; tem seus caprichos, mas cede quando menos se espera.

A conquista depende ás vezes de um feliz arrojo calligraphico, ou da destresa e pericia no manejo de um delicado buril. E' protectora das artes.

Não me peçam exemplos, senão tudo está perdido; - nem eu tenho á minha disposição uma fabrica d'onde possa obter o fornecimento do papel necessario para satisfazer essa exigencia. Como diz Garrett:

- Do homem, que é mau do berço á sepultura, « Uma só cousa á naturesa deixam
- « Os habitos ruins, que não pervertam:
- Do coração é o primeiro impulso. »

Diz muito bem o poeta. E' esse impulso do coração o que, desde o despontar da juventude, nos impelle para a outra dama.

Bella e radiosa, o seu aspecto fascinador começa a attrahir-nos poderosamente, e é quasi impossivel a resistencia.

Uma luz etherea llie illumina o rosto, vedado sempre por delicado e vaporoso véo, que nos illude, e a travez do qual o bocejo produzido pelo aborrecimento nos parece ás vezes sorriso animador.

Dominados pela illusão fatal, os sabios chegam a enlouquecer, no fim da longa pasmaceira: os loucos, neste caso, são mais prudentes. Não enlouquecem.

Entre o numeroso cortejo teem distincto lugar os litteratos. Para agradarem á encantadora deidade cançam-se os romancistas, esfalfam-se os dramaturgos e tornam-se furiosos os poetas.

Mede-se, às vezes, pelo comprimento dos versos, a distancia em que elles se acham da habitação da fada, e o desejo que nutrem de invadir-lhe poeticamente o aposento.

Desconfio até que o tal Alexandre de Paris foi victima dessa fraquesa: talvez d'ahi nascesse a comprida invenção do verso alexandrino. Não ouso assegural-o.

Desculpem-me a divagação, e saibam que a pretendida se chama: « Immortalidade. »

Por sua causa teem succedido immensos desastres, e eu não posso resistir á tentação de narrar aqui um delles, que tem o grande merito de ser muito verdadeiro.

Um venerando velho a quem faltavam os recursos necessarios para amenisar com os regalos inventados pela opulencia os ultimos dias da vida, contentava-se com a decencia que a mediocridade lhe offerecia, e pensava unicamente em immortalisar o seu nome, unica ambição que devéras o dominava. Entre os meios que lhe suggeria a sua parca intelligencia, parecia-lhe o suicidio o mais simples, pela serie de exemplos que offerece.

Era pouco orthodoxa a ideia, na verdade; mas eu creio que ao medico, mais do que ao bispo, competia tomar conhecimento da questão.

E' certo, porem que lhe não sahia das mãos periodico onde tivesse lido a noticia de um acontecimento dessa ordem: era logo encaixilhado em moldura dourada, e pendurado no lugar mais saliente da sala; o nome do infeliz pendurava-o elle na memoria, ao lado dos de outros heroes desse genero, que por lá tinha, tributando a todos a mais respeitosa veneração.

Nos momentos lucidos, em que podia dominar a fatal preoccupação, convergiam todas as suas attenções para uma joven e encantadora filha, cujo futuro lhe dava serios cuidados nas horas vagas.

Foi ella pedida em casamento por um bello rapaz, que a merecia, e o pae, desvellado sempre quando descia das altas regiões em que vivia por habito, julgar-se-hia-feliz presenceiando o venturoso enlace, se o não pungisse a lembrança de que os esposados viveriam na obscuridade, sem que seus nomes podessem, por motivo algum, ter jus ao respeito dos vindouros.

Chegou o momento da conferencia em que devia decidir-se a sorte de dous entes que se amavam devéras.

O bom velho, forcejando por tornar-se agradavel, apontava os quadros em que existiam os seus jornaes predilectos, repetindo a historia dos infelizes que excitavam a sua admiração, e louvando com enthusiasmo o heroismo de aquelles que tão corajosamente se tinham desprendido das seducções mundanas, para legarem seus nomes á posteridade, em quanto outros, vergonhosamente pusillanimes, procuravam, nos braços da medicina, refugiar-se da morte, sem pensarem, ao menos, que da pressão do abraço podia resultar-lhes a anniquilação.

Após estas considerações, não pôde vencer o desejo de ponderar o desgosto que o atormentava, no instante em que tratava de assegurar o porvir de sua filha.

No fim de um longo discurso, em que se mostrou digno de meia duzia de cadeiras em qualquer parlamento, dirigiu com toda a amabilidade ao pretendente estas consoladoras palavras:

- « Meu amigo, eu dou-lhe minha filha; será destinada para sua re-« sidencia a melhor parte da minha casa; correrão por minha conta
- « as despesas do casamento; encontrarão, quando voltarem da
- das despesas do casamento, encontrarao, quando voltarem da
- « igreja, unidos para sempre, um sumptuoso banquete, em que
- « serão felicitados pelos meus melhores amigos: imponho uma
- « condição unica; peço bem pouco.
 - « Ora escute-me, e ficará sabendo a causa da minha exigencia.
- « Olhe, todos estes quadros me despertam a inveja, e eu preciso de
- « um que me satisfaça o amor proprio.
 - « Eu queria adornar com uma rica moldura um impresso em
- « setim branco, extrahido do jornal que mais minucioso fosse na
- « publicação da estrondosa noticia.
- « Oh! Que satisfação!... Que orgulho!... Minha filha e meu « genro!... Uma heroina e um heroe, ambos da minha familia!...

E as lagrimas desciam pelas faces, Tornavam a subir, porque ferviam; Mas, ao peso cedendo d'outras novas, Vinham todas cahir no beiço immenso, Que as deitava, por fim, na boca enorme, Que a parva gargalhada abrira toda!

Tão furioso ataque não podia deixar de provocar uma interrogacão muito natural do aspirante a genro:

- Mas qual é a condição? Que é o que o senhor exige?
- « l'ma bagatella, meu amigo, uma cousa simples, de que resul-« taria a immortalidade para os dous, e uma alegria immensa para « mim.
- « Queria sómente que os noivos, no fim do banquete que deve « seguir-se ao casamento, se suicidassem juntos, aqui, nesta sala, « escolhendo para a operação o meio mais facil: em todo o caso « não quero que se incommodem muito por minha causa. »

Os noivos entenderam em sua alta sabedoria que a proposta, além de pouco razoavel, trazia em si o cunho da precipitação. Matarem-se, poucas horas depois de casados, no fim de um lauto banquete, com a digestão ainda por fazer!.. Nada, não acceitaram.

O pobre velho, desgostoso por esta resolução, suicidou-se! Deus o tenha á sua vista.

Immortalisou-se, sem o pensar, e de tal modo, que deu origem à composição de uma comedia que vi representar alguns annos depois.

Boileau tinha sobeja rasão quando disse:

De tous les animaux qui se élèvent dans l'air,

Qui marchent sur la terre, ou nagent dans la mer,
De Paris au Pérou, du Japon jusqu' à Rome,

« Le plus sot animal, à mon avis, c'est l'homme. »

O maniaco encarregou-se de confirmar mais uma vez a verdade destes quatro versos.

Se Boileau tivesse mentido, reconheceria o infeliz que se conquista a immortalidade sem tão grandes sacrificios.

Uma insolencia engraçada, uma phrase bem cabida, um dito improvisado hontem e proferido hoje, é quanto basta para que o nome de um homem se immortalise.

A trombeta da fama repete diariamente, e em desafinados sons ás vezes, muitos destes arrojos de lingua, que o povo decora e transmitte com enthusiasmo.

Pois eu, que não sou invejoso, lamento a infelicidade desses genios immortaes que tantos invejam.

Não posso tolerar que um homem de talento, que viveu meio seculo, ou mais, fallando todos os dias, fique preso á immortalidade por um só dito.

Ha contra isto uma só defesa: é que os grandes homens não pertencem a aquella.

« Famosa geração de falladores »

de que descendia o individuo a quem disse Bocage:

Teu pae foi um trovão de pataratas,
Teu tio, o bacharel, morreu fallando,
Tu fallando, Risco, não morres, matas.

o futuro. 33

Cedo ou tarde havia de chegar-me a occasião de lançar as unhas á immortalidade.

E' agora, e pilhei-a com uma só palavra! O Futuro!

Nunca foi tão bem applicada a maxima universal do meu mais querido phylosopho: « Meditem e lucrarão! »

O Futuro! ...

A escolha deste famoso titulo para um periodico litterario, artistico, historico, scientifico e biographico, foi uma inspiração d'aquellas que o homem grande tem uma só vez na vida, se morre antes de ter a segunda! Inspiração de um anjo!

A' concepção do pensamento seguiu-se um trabalho em que foram consummidas tres partes de um anno: tão luminosa ideia só póde ser resultado de muito longas vigilias, de profundas locubrações e de aturados estudos. O Futuro!

Como isto é bello e significativo!

O dia de amanhã, o immediato, o seguinte, o outro, o mez que vem, o anno que hade vir, o que tem de começar logo que esse acabe, o seculo 20, o seculo 21, e.... quantos seculos na successão dos tempos!..

Tudo isto, e muitas cousas mais, em uma unica palavra!...

O Futuro!

Esta ideia grande promette uma prole numerosa de ideias pequeninas, que irão crescendo gradualmente, e attingirão, por fim, um grau de desenvolvimento extraordinario.

Chateaubriand, no Essai sur la litterature anglaise, concedendo unicamente a seis escriptores o foro de genios deminadores, não sonhava, de certe, a apparição do futuro Futuro, que não só estenderá o seu prestigio a todos os paizes onde se falla a lingua portugueza, mas ainda a aquelles onde os sabios cumprirem o dever de tornal-o conhecido por esmeradas traducções.

Duvidar deste prodigioso successo, seria uma injustiça de que se queixaria o mundo inteiro; pois é fora de duvida que o Futuro é para todo o mundo,

« E se mais mundo houvera la chegára. »

Como serão instructivas as discussões occasionadas pelo titulo deste periodico!

Só d'ahi resultarão vantagens incalculaveis para a civilisação dos povos.

Imaginem o encontro de dous individuos, um assignante do Futuro, e outro que tem o mau gosto de o não ser:

— Em que pensa o meu amigo?

- Penso em uma cousa muito importante que li no Futuro.
- Como?.. O senhor lê no futuro?. Então é feiticeiro?.
- Não, senhor, sou apenas assignante, e recordo-me do que li no numero passado.
- Ora!... No passado todos nós lêmos; no futuro não creio que ninguem leia.
- Leio eu, e para isso dei quinze mil réis. (se ainda não tiver pago a assignatura deve ser differente a redacção.)
- Homem, é barato: diga-me a quem heide dar quinze mil réis, para poder ler no futuro.
 - A quem apresentar o recibo presente.
- Quer que lhe diga a verdade? Eu não o comprehendo bem. Disse-me que lia no futuro, eu duvidei; referiu-se depois a um numero passado, como se tratassemos de loterias; falla-me agora de recibo presente, sem que eu lhe deva cousa alguma, e, no fim de tudo, eu apenas entendo que me falla em tres tempos.
- Será isso; fallo-lhe em tempo de valsa, quando o meu amigo dança a polka com as minhas palavras. Eu quiz somente fallar-lhe do que tinha lido no Futuro.
- E' justamente isso o que eu não creio, porque o futuro é de Deus.
- Está completamente enganado. O Futuro é de um sugeito que escreve linhas curtas e compridas, em fórma de versos, e que poderia dizer com muita verdade o que disse João Xavier de Mattos n'aquelle

SONETO:

- « Li uma vez em certa obra impressa
- « Que havia no Parnaso um grão thesouro;
- « Eu, que ha tempo por dinheiro estouro,
- « Para lá fiz jornada a toda a pressa:
 - « Mas como toleirão cahi na peca;
- « Pois, por mais que cavei, não achei ouro;
- « Vim peor do que fui, pois nem de louro
- « Trouxe um ramo, sequer, para a cabeça:
 - « Assim estou, sem real, o anno inteiro,
- « E ainda ha louco tal, que affirmaria
- « Que um poeta é mais rico que um mineiro!
 - « Mas eu digo que o estro da Poesia,
- « Se podesse comprar-se por dinheiro.
- · Por dezesseis tostões o venderia. »

- Sim, senhor, é muito bem feito; mas confesso-lhe que estou cada vez mais embaraçado; nem sei a que proposito me recitou esses versos.
- Foi só para dizer-lhe que tudo isto seria dito, com igual verdade, pelo redactor do Futuro.
- Essa, meu amigo, ainda é peior; nada de heresias. O redactor do futuro é Deus, e não admitto que ninguem seja capaz de o redigir cá na terra. Não custa pouco aos jornalistas a redacção do passado e do presente.

Estão as cousas neste estado quando entra em scena um novo interlocutor.

E' um sugeito, com uma cara muito exquisita, que marcha em frente de vinte pretos carregados de brochuras.

E' elle que falla:

- V. S. é assignante do Futuro, e se quer fazer-me o favor de recebel-o aqui, poupa-me o trabalho de ir levar-lh'o a sua casa, que é muito longe.
 - Sim, senhor, để cá.

O entregador obedece promptamente, e é facil de conceber que o periodico auxilia extraordinariamente o assignante para esclarecer o seu amigo.

Calcule agora o leitor o alcance desta discussão. Note, em primeiro lugar, o desenvolvimento da intelligencia do assignante do Futuro, e a ignorancia do outro, que o não era.

Por este dialogo ficou este sabendo que O Futuro é uma cousa que se lê, e custa quinze mil réis.

Adquiriu notaveis noções de musica, por causa dos tres tempos em que lhe fallou o seu amigo, e soube que João Xavier de Mattos fazia sonetos, e era pobre, podendo fazer dinheiro e ser muito rico.

Se isto é resultado somente de uma discussão sobre o titulo, imaginem o proveito que o mundo colherá da leitura do periodico!.

A' vista de tantas vantagens, não será ousadia asseverar que deste pequeno Futuro com — F — grande, depende um grande futuro com — f — pequeno.

F. X. DE NOVAES.



CHRONICA.

Rio, 15 de Setembro de 1862.

IREI hoje do fundo da gaveta, onde jazia, a minha penna de chronista. A coitadinha estava com um ar triste, e pareceume vê-la articular por entre os bicos uma timida exprobração. Em roda do pescoço enrolavam-se-lhe uns fios tenuissimos, obra dessas Penelopes que andam pelos tectos das casas e desvãos inferiores dos moveis. Limpei-a, acariciei-a e, como o Abencerragem ao seu cavallo, disse-lhe algumas palavras de animação para a viagem que tinhamos de fazer. Ella, como penna obediente, voltou-se na direcção do apare-lho de escripta, ou como diria o tolo de Bergerac, do receptaculo dos instrumentos da immoralidade. Comprehendi o gesto mudo da coitadinha, e passei a cortar as tiras de papel, fazen lo ao mesmo tempo as seguintes reflexões, que ella parecia escutar com religiosa attenção.

- Vamos lá; que tens aprendido desde que te encafuei entre os meus esboços de prosa e de verso? Necessito mais que nunca de ti : vê se me dispensas as tuas melhores idéas e as tuas mais bonitas palayras; vás escrever nas paginas do Futuro. Olha para que te guardei eu! Antes de começarmos o nosso traballio, ouve, amiga minha, alguns conselhos de quem te préza e não te quer ver enxovalhada. Não te envolvas em polemicas de nenhum genero, nem politicas, nem litterarias, nem quaesquer outras, de outro modo verás que passas de honrada a deshonesta, de modesta a pretenciosa, e em um abrir e fechar de olhos perdes o que tinhas e o que eu te fiz ganhar. O pugilato das idéas é muitopeior que o das ruas; tu és franzina, retrahe-te na luta e fecha-te no circulo dos teus deveres, quando couber a tua vez de escrever chronica. Sè enthusiasta para o genio, cordial para o talento, desdenhosa para a nullidade, justiceira sempre, tudo isso com aquellas meias tintas tão necessarias aos melhores effeitos da pintura. Commenta os factos com reserva, louva ou censura, como te dictar a consciencia, sem cahir na exageração dos extremos. E assim viverás honrada e feliz.

E havendo dito estas cousas á minha penna, tinha eu acabado de preparar o papel, e eis que ella começou entre os meus já desacostumados e emperrados dedos, a mencionar que no dia 4 deste mez effectuou-se o encerramento da assembléa legislativa, ceremonia

o futuro. 37

sobre a qual nada ha que dizer, porque foi conforme os estylos que por sua natureza nada offerecem de notavel. Os membros do parlamento foram procurar no remanso da paz o repouso das lutas da tribuna e dos trabalhos com que auxiliaram a administração durante a sessão finda. Entre os serviços prestados este anno pela representação nacional, convem não esquecer o de haver habilitado o governo a fazer o serviço financeiro de 63 a 64 por meio de um orçamento definido e discutido.

Passo ás letras e ás artes.

O maior acontecimento litterario da quinzena foi o poema de Thomaz Ribeiro, D. Jaime, cujos primeiros exemplares chegaram pelo paquete. A fama chegou com o livro, e assim, todos quantos estimam a litteratura, militantes ou amadores correram à obra mal os livreiros a pozeram nos mostradores. Dizia-se que D. Jaime era uma obra de largas proporções, e que Thomaz Ribeiro, como raros estreantes, deitára a barra muito além de todos os estreantes; dizia-se isto, e muitas cousas mais. O poema foi lido, e uma só virgula não se alterou aos louvores da fama. O poema D. Jaime é realmente uma obra de elevado merecimento, e Thomaz Ribeiro um poeta de largo alento; a sua musa é simultaneamente simples, terna, graciosa, epica, elegiaca; ensinou-lhe ella a ser poeta de poesia, expressão esta que não deve causar estranheza a quem reparar que ha poetas de palavra, mas Thomaz Ribeiro não é poeta de palavra, certo que não!

Não me demorarei em referir os episodios mais celebrados do poema, nem em analysar as paginas mais lidas, que o são todas, e no mesmo gráo; mas muito de passagem perguntarei com o Sr. Castilho, onde mais pura e doce poesia do que naquelle fragmento poetico — Os filhos do nosso amor? — Aquelle fragmento publicado isoladamente bastaria para cingir na cabeça de Thomaz Ribeiro a augusta e porfiada corôa de poeta.

Antes da chegada do paquete que nos trouxe aquelle presente litterario, havia sido publicado o terceiro volume da Bibliotheca Brasileira, interressante publicação do meu distincto amigo Quintino Bocayuva. Este terceiro volume é o primeiro de um novo romance do autor do Guarany. Vejamos o que se pode desde já avaliar nas primeiras cento e vinte paginas do romance, que tantas são as do primeiro volume.

E antes de tudo notarei o apuro do estylo com que está escripto este livro; a penna do autor do Guarany distinguia-se pela graça e pela sobriedade; essas duas qualidades dobraram na sua nova obra. O romance intitula-se As minas de prata, e é por assim dizer uma

investigação historica. Serve de base ao romance a descoberta de Roberio Dias, no anno da graça de 1357, de umas minas de prata em Jacobina. O romance abre por uma rapida descripção da Bahia de S. Salvador, no dia primeiro de Janeiro de 1609. E' dia duplamente de festa: dous motivos traziam a população alvorotada; o primeiro, o dia de anno bom; o segundo, a festa que se preparava para celebrar a chegada á Bahia do novo governador D. Diogo de Menezes e Siqueira.

O autor faz assistir o leitor á entrada das devotas para a igreja da Sé onde devia ser cantada a missa; em ligeiras pennadas dá elle amostras dos costumes do tempo, e é por uma scena pittoresca que elle prepara a entrada de alguns dos principaes personagens do romance, Estacio Corrêa, Christovão d'Avila, elegante do tempo, Elvira e Inezita. O namoro destes quatro dentro da igreja é contado em algumas paginas graciosas.

Não acompanharei capitulo por capitulo o primeiro volume; tenho medo de reduzir a prozaica e secca narrativa a exposição interessante das Minas de prata. Notarei que neste volume, que, como acabo de dizer, é uma exposição, as personagens destinadas a figurar no primeiro plano da historia são introduzidas em scena com a importancia que as caracterisa, Vaz Caminha, o jesuita Fernão Car dim, o jesuita Gusman de Molina. Se alguma observação me pode suggerir a leitura que fiz do volume, é relativamente a uma simples questão de pormenor. Este padre Molina entra em scena com a cara fechada de um conspirador; deixa-se advinhar que elle vem em virtude das questões levantadas pela ingerencia da companhia de Jesus nos negocios da administração. Um simples secular que trouxesse uma missão secreta seria reservado; com um jesuita, não se dá a plausibilidade de suspeitar o contrario; seria prudentissimo e reservadissimo. Ora, não me parece proprio de um jesuita o conselho dado no lance do xadrez na biblioteca do convento. conselho que, alludindo às suas intenções relativamente ao governador, faz olhar de esguelha o licenciado Vaz Caminha. Talvez esta observação não tenha a importancia que eu lhe acho; mas qualquer que seja a insignificancia do pormenor a que alludo, lembrarei que é do conjuncto das linhas que se formam as physionomias, e que não sei de physionomia de jesuita descuidada e indiscreta.

Entretanto demos fim á observação e consignemos, ao lado da grata noticia do primeiro volume, o desejo que nos fica, a mim e aos que o leram, da proxima publicação dos dous volumes complementares.

Fallemos agora de Arthur Napoleão que acaba de chegar ao Rio

o futuro. 39

do Janeiro. Em 1857, aquelle prodigioso menino inspirou verdadeiro enthusiasmo nesta corte onde acabava de chegar cercado pela aureola de uma reputação. Creança aiuda, o prestigio dos tenros annos dava ao seu talento realce maior. Com elle acontecera o mesmo que com Mozart, de quem dizum escriptor, alludindo á primeira manifestação do talento na idade pueril— « C'est ainsi que Mosart apprit la musique, comme en se jouant, ou plutôt la musique se reveillait dans son âme avec le sentiment de la vie. » Desde os primeiros annos, Arthur revellou-se, e desde logo começou para elle essa serie não interrompida de triumphos de que se tem compos to a sua existencia.

Os amigos e os patricios poderiam desconfiar do seu enthusiasmo, e indagar entre si se elle não era effeito de um amor sem exame nem reserva, ou pela interessante creança, ou pelo patricio artista. Essa duvida, se alguma vez se apresentou no espirito dos patricios e dos amigos dissipou-se sem duvida quando Arthur Napoleão entrando nos grandes centros da arte e dos artistas recebeu delles a confirmação solemne do baptismo da patria. Applausos, ovações, abraços fraternaes o receberão, e cada nome que passava, Rossini, Meyerbeer, Verdi, Talberg, Vieux-Temps, Sivori, deixaram uma nota sua, uma linha, uma palavra no album do menino artista.

Assim cresceu Arthur Napoleão na idade, na gloria e no talento: de cidade em cidade, a sua viagem foi um triumpho não interrompido; mas, como verdadeiro artista, não se deixou adormecer nos louros e nas delicias de Capua; estudou viajando e buscou pelo estudo a perfeição. Nem só executa inspirações alheias; tem-as suas e dos mais originaes; e deve-se ao seu estro musical algumas composições esparças de muito merecimento. Sei mesmo que Arthur Napoleão busca voar mais alto e escrever o seu nome em uma obra duradoura: dous poetas inglezes deitaram mãos á obra, a pedido do compositor, e cada um foi depor-lhe nas mãos um poema dramatico, tirado um da comedia de Shakspeare, Como queira, e o outro de uma novella de Finimore Cooper.

Quisera fallar de theatros, mas os theatros não me dão largo campo para fallar delles, ou, arrisquemos antes a verdadeira expressão, não me dão campo absolutamente nenhum. Nenhuma nova de vulto digna de menção foi dada nos dias da quinzena; e a não ser a reprise dos Intimos no Atheneu Dramatico, para solemnisar o grande dia nacional, na presença da imperial, familia e cujo desempenho esteve na altura dos melhores dias daquella comedia, não tenho que commentar entre mim e o publico. No horisonte apparece noticia de novidades dramaticas, e talvez á

hora em que os leitores lerem estas paginas alguma dellas esteja na tela da publicidade. Dessas novidades são as principaes um drama original no Gymnasio, e uma traducção no Atheneu; o drama original é do Sr. Dr. Macedo, e intitula-se Lusbella; a traducção é uma comedia do feliz e talentoso Sardou, o autor dos Intimos e das Garatujas, intitulada O Borboletismo. O que é o Borboletismo? E' a necessidade que os maridos tem de variar de occupações, de habitos e. de mulheres. Borboletear é o verbo, e nesta epoca em que os costumes soffrem suas mais ou menos profundas facadas, estou certo que esta comedia desafiará a curiosidade angustiosa de muitas esposas. Eu li o original da comedia franceza, e posso affirmar que não ha posição mais ridicula do que a do marido borboleteador e que as conclusões de V. Sardou são de consolar as mulheres desventurosas.

Occorre-me agora que tambem o Atheneu Framatico annuncia uma nova comedia, original brasileiro, cujo titulo é uma interrogação: O que é o casamento? O autor chama-se *** Este signal abrio já campo largo às conjecturas. A comedia é para estréa do distincto artista Joaquim Augusto, que acaba de chegar da cidade de S. Paulo.

Nenhuma occasião mais azada do que esta para lançar ao papel algumas reflexões que trago incubadas relativamente á situação dos theatros. Para os que, como eu, veem no theatro uma tribuna e uma escola, é triste contemplar o abandono em que elle jaz, sem que a iniciativa official intervenha com a sua força e com a sua autoridade. Assim, vemos hoje duas scenas regulares entregues a seus proprios recursos; a primeira, o Atheneu Dramatico, onde uma reunião dos nossos melhores artistas trabalha com ardor por desempenhar uma tarefa ardua, gloriosa embora, marcando a cada exhibicão notavel aproveitamento dos seus recursos; a segunda, o Gymnasio, onde o grupo de artistas que alli ficára depois do ultimo desmembramento, procura e se esforça por continuar as tradições passadas. Não sei qual o meio de resolver a situação, ou antes, não me quero estender no exame della; mas o que é facto é que o trabalho fecundo e os recursos bem aproveitados teem direito à attenção do governo, e mais que tudo as duas missões do theatro. a moral e a poetica, demandam dos poderes superiores alento e iniciativa. Dito isto ponho ponto final a esta chronica, e passo a ralhar com a minha penna, que tão esperançosa me surgio da gaveta, e tão desalinhada e sensaborona se houve nestas paginas.

MACHADO DE ASSIS.

O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

Collaborado por varios escriptores brasileiros e portuguezes.

Em todos os numeros (ou pelo inenos em um de cada mez) se dará uma gravura. Afianca-se a publicação por um anno, e não se recebem assignaturas por menor prazo.

Condições da Assignatura.

Para a Côrte 158000 — Para fóra da Côrte e provincias — 178000. O pagamento será feito depois da entrega do 1.º numero.

Assigna-se no Escriptorio da Redacção, Rua do Ouvidor n. 46, 1.º andar, onde deve ser dirigida toda a correspondencia relativa ao periodico.

São correspondentes

Os Snrs.
Catilina & C.a
Cunha Irmãos & C.a
Luiz Augusto de Olíveira
Joaquim Baptista Moreira.
Silva & Costa
Francisco Luiz Ribeiro.
Joaquim Alves Leite
J. J. de S. Ayram Martins
Felisardo Toscano de Brito
José Gonçalves Guimarães
A. L. Garraux
Henrique Xavier de Novaes

Bahia.
Pernambuco,
Maranhão.
Pará.
Rio Grande do Sul.
Pelotas.
Porto-Alegre.
Santos
Parahyba do Norte.
Maceió.
S. Paulo.
Vassouras